



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PARCERIA ENTRE  
FAMÍLIA E ESCOLA**

**MARCELA DE SANTANA CARVALHO**

Rio de Janeiro  
Agosto de 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PARCERIA ENTRE  
FAMÍLIA E ESCOLA**

**MARCELA DE SANTANA CARVALHO**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa.Dra. Irene Giambiagi

Rio de Janeiro  
Agosto de 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PARCERIA ENTRE  
FAMÍLIA E ESCOLA**

**MARCELA DE SANTANA CARVALHO**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 18 / 08 / 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Irene Giambiagi (FE/UFRJ)

---

Professora Examinadora: Profa. Dra. Adriana Patrício Delgado (FE/UFRJ)

---

Professora Examinadora: Profa. Dra. Luciene Cerdas (FE/UFRJ)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fez sonhar com esse momento, dando-me força, fé, graça e sabedoria para enfrentar as dificuldades deparadas ao longo do caminho e, ainda, por me proporcionar mais uma conquista de ingressar em uma universidade tão reconhecida pela excelência em seus estudos.

Dedico de todo o meu coração este trabalho a minha querida mãe, Márcia Gomes de Santana, que se formou em Belas Artes também na UFRJ, e que apesar de estar passando por um processo de câncer terminal, sempre me incentivou a ingressar também nesta universidade e me acompanhou durante todo o processo de aprendizagem, sempre tendo a expectativa da minha vitória em todos os momentos. Mãe, esta vitória é mais sua do que minha. Amo a senhora.

Tenho gratidão também pela minha professora, Irene Giambiagi, pela força e compreensão em me auxiliar na conclusão deste trabalho, e a quem eu considero como uma das professoras mais afetivas da UFRJ e também por ser exemplo de dedicação, de dignidade pessoal e, sobretudo, de carinho e amizade.

Agradeço também às professoras da minha banca: Dra. Adriana Delgado e Dra. Luciene Cerdas, por se disponibilizarem, em situação emergencial, a avaliar minha monografia.

Deixo minha gratidão, também, a todos os demais professores e colegas da universidade, em especial a duas amigas queridas que conheci durante minha trajetória: Daniela e Bianca, que contribuíram para minha formação.

E agradeço aos meus irmãos Priscila, Gabriela e Moisés, por me ajudarem neste momento difícil de término de escrita, sem a ajuda de vocês, irmãos, este sonho não teria também se realizado, vocês e nossa mãe são tudo para mim.

Afetividade é um sentimento que envolve o caráter das pessoas, levando o ser humano a produzir conhecimento.

(WALLON, 1971)

## RESUMO

A educação nos anos iniciais tem como finalidade básica o desenvolvimento integral da criança. A afetividade está ligada intimamente ao aprendizado infantil, pois a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O tema do presente estudo é a afetividade como ação necessária ao desenvolvimento da criança nos anos iniciais do ensino fundamental. O objetivo principal da pesquisa realizada foi analisar o papel da afetividade na adaptação escolar das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental e o papel da família nesse processo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, realizada por meio do estudo de livros, artigos acadêmicos, periódicos e sites especializados, guiada pela análise das ideias de renomados autores quanto ao tema proposto. Como referencial teórico este trabalho baseou-se nas pesquisas de alguns autores importantes para o estudo, com destaque para Piaget e Wallon. O trabalho é composto por três capítulos, sendo o primeiro uma análise da importância da família em suas múltiplas concepções e manifestações como fator essencial para a afetividade; no segundo enfatiza-se a relevância da afetividade como essência da aprendizagem, com destaque para o momento delicado da adaptação escolar nos anos iniciais do ensino fundamental; no terceiro e último capítulo discorre-se sobre a importância da afetividade nos escritos de Piaget e Wallon. Pode-se concluir que a afetividade é um grande diferencial no ato de educar. Salienta-se, finalmente, a função do educador no processo de ensino-aprendizagem, ao estimular o educando a vivenciar suas próprias experiências pedagógicas e afetivas.

**Palavras-chave:** Adaptação Escolar; Afetividade; Afetividade e Aprendizagem; Processo de Ensino-Aprendizagem; Desenvolvimento Infantil.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>CONCEPÇÃO DE FAMÍLIAS</b> .....	11
1.1 A origem da concepção de família.....	13
1.2 Família na Constituição Federal de 1988.....	14
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: UM BINÔMIO NECESSÁRIO NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO À ESCOLA</b> .....	15
2.1 A qualidade das relações afetivas estabelecidas entre os professores e os alunos nos anos iniciais .....	16
2.2 O papel do professor .....	18
2.3 Afetividade: um processo fundamental na aprendizagem .....	20
2.4 O processo de adaptação à escola nos anos iniciais .....	22
2.5 A adaptação escolar .....	24
2.6 A família no processo de adaptação à escola .....	28
2.7 O professor dos anos iniciais no processo de adaptação escolar.....	29
2.8 A formação do educador e o relacionamento com as famílias.....	31
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>O AFETO NA PERSPECTIVA DE JEAN PIAGET E HENRI WALLON</b> .....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

O processo de afetividade, antes de tudo, inicia-se em universos variados, quer seja em casa, por uma interação social com a família, ou até mesmo frente a um caminho diferente, como na escola, em sala de aula. E é neste caminho que podem ocorrer, por motivos distintos, as boas relações entre a natureza do ser humano. Observa-se, então, que o afeto pode fazer parte do dia a dia de cada pessoa devido a suas condições presentes; por meio das mais diversas literaturas, o afeto está ligado a variadas representações vocabulares como: “emoção, estado de humor, motivação, sentimentos, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros”. A soma de significados exata sobre a “emoção” é enorme, e a “afetividade” é refletida em campos de estudos diversos, levanta-se a possibilidade de questionar e analisa-se se suas atitudes afetivas podem, ou não, influenciar, de modo positivo o processo educacional como um todo.

É necessário e importante, a meu ver, estudar sobre a afetividade na educação, principalmente vivendo em um mundo em constantes modificações e quando, geralmente, “falta” tempo para tudo, inclusive para a demonstração de carinho. A afetividade influencia muito a inteligência e o desenvolvimento humano, sendo nos aspectos emocionais, sociais, nas relações entre as pessoas e, principalmente, no processo de ensino-aprendizagem. São sentimentos que trabalham juntos, que interferem diretamente no aspecto psicológico humano.

Diante do contexto escolar, o afeto é um grande recurso no auxílio do professor, podendo ser usado em sala de aula para obter a atenção do aluno, e para que este tenha interesse e mais participação no próprio processo de ensino-aprendizagem (ROSSINI, 2019).

Na perspectiva de Vygotsky (2003, p. 121):

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. [...] A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento.

Desse modo, o tema do presente estudo é a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Sob a perspectiva de Leite e Tassoni (2014), a relação mediada que os professores estabelecem em suas atividades



docentes deve ser sempre permeada de sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e valorização, bem como de compreensão, aceitação e valorização do outro; esse sentimento não marca apenas a relação entre alunos e objetos de conhecimento, mas também afeta sua autoimagem, o que facilita a autonomia e aumenta a confiança em suas habilidades e na tomada de decisões.

O afeto é concebido ao longo do trabalho como um comprometimento pessoal e também profissional do educador, muito além da amizade e do carinho.

As intenções deste estudo foram motivadas e tiveram origem nas aulas de Pesquisa e Prática Pedagógica no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante as aulas nos deparamos com discussões acerca da importância da interação entre professor e aluno. Também ao longo das práticas nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental observamos que as crianças consideradas “indisciplinadas” se mostravam, muitas vezes, mais interessadas nas regências dos estagiários do que nas aulas cotidianas das professoras. Acredito que, talvez, essa diferença de comportamento e interesse se explicasse pela novidade, pela atenção e pela forma afetiva com que os alunos eram tratados pelos estagiários durante as regências. Esse fato despertou o interesse sobre o tema da afetividade no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental e sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, as vivências relatadas, aliadas aos estudos teóricos realizados durante minha formação no curso de Pedagogia e à minha própria história de vida motivaram a pergunta norteadora deste estudo: de que maneira a relação professor-aluno pode afetar o processo de aprendizagem dos estudantes, em particular no processo de adaptação escolar nos anos iniciais do ensino fundamental? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar o papel da afetividade na adaptação escolar das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental e o papel da família nesse processo. Com relação aos objetivos específicos, destacam-se os seguintes: analisar diferentes conceitos de família; compreender a influência da afetividade no processo de adaptação escolar do aluno nos anos iniciais; e identificar como o afeto entre professor e aluno se evidencia na sala de aula.

O trabalho é composto por três capítulos: no primeiro analisa-se a importância da família em suas múltiplas concepções e manifestações como fator essencial para a afetividade; no segundo enfatiza-se a relevância da afetividade como essência da aprendizagem, com destaque para o momento delicado da adaptação escolar nos anos iniciais do ensino fundamental; e no terceiro capítulo discorre-se sobre a importância da afetividade nos escritos de Piaget e Wallon.

No que diz respeito à metodologia, realizou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica em fontes relacionadas à temática proposta, de caráter qualitativo, por meio de busca em livros, artigos, páginas virtuais, a fim de procurar relacionar os conceitos de afetividade, papel do professor, e estímulo ao processo de ensino-aprendizagem.

## **CAPÍTULO 1 – Concepção de famílias**

O conceito de família sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Nas palavras de Silva (2021, p.89), a família nada mais é do que “uma unidade social básica constituída por um conjunto de pessoas relacionadas entre si por laços de sangue, casamento, aliança ou adoção”, ou seja, a família consiste em um grupo de pessoas que, ao estarem em conjunto, podem ou não se interrelacionar, por meio da parte genética, por meio da legalidade, por apenas estar juntas entre si, aderindo ao meio com elementos em comum.

Em termos de setores do pensamento sociológico, é possível destacar a referência ao conceito de “família nuclear”, que seria em quase toda parte, como tipo dominante ou como componente de famílias extensas e compostas. Do ponto de vista ocidental, com sua insistência sobre a monogamia, as unidades polígamas podem parecer estranhas ou imorais, mas o fato é que florescem amplamente. Há, ainda, o conceito de a família “estendida”, como o definido por Schaefer (2016, p. 305), que se refere à formação social constituída por pais, filhos, avós e tios, cujas ligações se estabelecem por laços consanguíneos, por pessoas que habitam a mesma residência.

Nas palavras de Lakatos e Marconi (2009, p.170), existe outra concepção de família, a “família composta”, “que se forma quando homens e

mulheres casados e com filhos se divorciam (separam-se) e se casam novamente”.

É importante destacar, portanto, que a definição de família, sob diferentes contextos, apresenta variações, inclusive históricas, que se modificam ao longo do tempo.

Sob um viés sociológico, Lakatos e Marconi destacam que a família pode ser entendida e definida em termos de relação, por uma criação do casamento, mesmo que haja casamentos em diferentes culturas, que pertencem podem pertencer, inclusive, a um caminho monogâmico e/ou poligâmico, mas desde que exista a contribuição no sentido de “criar novas relações e direitos recíprocos entre os cônjuges e entre cada um deles e os parentes do outro” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 174).

A família do Brasil como qualquer sociedade atravessa por alterações e modificações e cada familiares detêm seu exclusivo enredo, sua exclusiva cultura e ascendência, acatando um padrão hierárquico. No entanto na frente dessas mudanças os familiares surgem se desconstruindo e assim danificando os vínculos de afetividade entre familiares. Assim como as famílias mudaram, os núcleos familiares também sofreram alterações em sua estrutura e composição. A família composta por diversos membros começou a perder força ao longo dos anos, bem como aquela formada apenas por filhos legítimos, seja por imposição legal, seja porque os núcleos familiares passaram a valorizar um fator imprescindível para sua formação: a afetividade. Sobre isso, Lobo (2003, p.40) destaca:

A família recuperou a função que, por certo, esteve nas suas origens mais remotas: a de grupo unido por desejos e laços afetivos, em comunhão de vida. O princípio jurídico da afetividade faz despontar a igualdade entre irmãos biológicos e adotivos e o respeito a seus direitos fundamentais, além do forte sentimento de solidariedade recíproca, que não pode ser perturbada pelo prevalecimento de interesses patrimoniais. É o salto, à frente, da pessoa humana nas relações familiares.

No meio da família a afetividade é essencialíssima para a evolução não somente do físico, quanto do psicológico do ser humano, e ao decorrer de sua trajetória ampliará vivências firmadas nesta base, acompanhando o exemplo aprendido na convivência familiar, que é de muita relevância para a formação da criança.

Observamos também a evolução da sociedade e a modificação do conceito de família, incluindo as formadas por casais homoafetivos. Percebe-se que os indivíduos homoafetivos existem há muito tempo na história da humanidade, mas apenas com a Resolução Nº 175 de 14/05/2013 houve o reconhecimento legal de novas entidades familiares, todas elas reconhecidas pela legislação brasileira recente, devendo estas fundamentar-se nos laços de afetividade, de amor e pela vontade livre de se constituir uma família, não sendo mais permitida a diferenciação entre casais homoafetivos e heteroafetivos:

**Art. 1º** É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Para que as comunicações familiares aconteçam adequadamente, é imprescindível a troca afetiva, como emoções de amor, carinho, e além disso impor barreiras, para que o filho cresça adequadamente formado nas dimensões de seu caráter.

### **1.1 A origem da concepção de família**

As primeiras sociedades humanas eram muito semelhantes à vida na forma de gregário de nossos ancestrais: pequenos grupos de indivíduos que viviam da coleta e ocasionalmente da caça de pequenos animais. O colecionismo, que era o trabalho da época, foi se desenvolvendo aos poucos. O rebanho entende melhor a natureza e percebe, por exemplo, que quando chove muito em uma época do ano há peixes todo mês nesse tipo de lugar, mas não há frutas ; em tais vales, as abelhas produzem mais mel nesses locais, por exemplo. O conhecimento é então transmitido de geração em geração, com base na natureza e em novas relações sociais (por exemplo, por meio de histórias, os anciãos ensinam às gerações mais jovens como fazer pinturas e esculturas que perpetuam grandes eventos que marcam o desenvolvimento da vida coletiva, o desenvolvimento da linguagem e das festas etc.). Marx (1993) nomeou esse processo de “afastamento das barreiras naturais”.

Outrossim, a relação de família se fundamenta a partir da solidificação da contribuição de aspectos “tais como apoio financeiro, alimentação e vestuário, proteção e socialização das crianças ou apoio emocional entre os cônjuges”

(AMARO, 2014, p. 5), sem perder de vista que elementos culturais como a alimentação acompanham a história da humanidade desde seus primórdios.

## 1.2 Família na Constituição Federal 1988

A relação familiar se ampara, antes de tudo, por intermédio de uma relação em que seus princípios se fazem presentes, já que o ordenamento jurídico não deixa de dar suporte para o tal, que prevê, em seus dispositivos legais: no Código Civil, que também delimita o “denominado bem de família convencional”.

Segundo o artigo 70 do Código Civil de 1916, “é permitido aos chefes de família destinar um prédio para domicílio desta, com a cláusula de ficar isento de execução por dívidas, salvo as que provierem de impostos relativos ao mesmo prédio.” Ou seja, existia uma obrigação de que a família tivesse uma relação de “chefe”, embora tal perspectiva tenha se modificado. O código de 1916 entende que a família está ligada a duas áreas principais: casamento formal e parentesco. No entanto, ao longo dos últimos anos, as realidades sociais deram origem a um novo conceito de família que rompe com os padrões tradicionais baseados no casamento, assim como na orientação sexual e na procriação. A nova percepção foi baseada em valores como amor, afeto e carinho.

Silvio Neves Baptista (2014, p. 26) assim explicita as mudanças comportamentais e familiares:

Com o surgimento da industrialização, ocorreu o processo de urbanização acelerada e o surgimento de movimentos de emancipação das mulheres. Daí em diante, ocorreram profundas transformações econômicas e sociais, conseqüentemente comportamentais, que puseram fim à instituição familiar nos moldes patriarcais.

A Constituição de 1988, em se tratando do conceito de família, assim a concebe no artigo 226: “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. Sob a perspectiva de Rolf Madaleno (2015, p.36),

A família matrimonializada, patriarcal, hierarquizada, heteroparental, biológica, institucional vista como unidade de produção cedeu lugar para uma família pluralizada, democrática, igualitária, hetero ou homoparental, biológica ou socioafetiva, construída com base na afetividade e de caráter instrumental.

Nesse cenário, a perspectiva da afetividade vem ganhando, cada vez mais, um reconhecimento mais ampliado no conceito de família.

Cabe ressaltar que nem sempre os diferentes contextos sociais seguem as reconfigurações familiares do mencionado conceito de família, tendo em vista que nem todos os cenários se mantêm alinhados. É importante destacar o artigo 1.511 do Código Civil (BRASIL, 1916): “O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges”.

## **CAPÍTULO 2 - AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: UM BINÔMIO NECESSÁRIO NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO À ESCOLA**

Emoções, desejos e sentimentos derivam da mesma vida afetiva, mas são entidades distinguíveis. Embora muitas vezes usado de forma intercambiável, "afetividade" é um termo mais amplo que engloba essas manifestações (WALLON, 2019, *apud* GALVÃO, 2003, p.61).

Segundo Salla (2011), a abordagem de Wallon para estudar o desenvolvimento infantil não prioriza a inteligência como único fator. Em vez disso, ele afirma que a vida psíquica de uma criança se desenvolve com base na integração de três dimensões - motora, afetiva e cognitiva - que coexistem e se inter-relacionam.

Dessa forma, segundo Wallon (2007, p.37),

A afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa. O desamparo biológico que caracteriza os dois primeiros anos da vida humana, em razão das precárias condições de maturidade orgânica, determina um longo período de absoluta dependência da criança dos cuidados de um adulto para poder sobreviver. Isso torna a emotividade a força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades. Sendo assim a expressão emocional é fundamentalmente social, pois precede os recursos cognitivos.

Wallon (2007) defende que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. A qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento. E muitas vezes a relação entre o ensinar e aprender inicia-se no ambiente familiar, cuja base da relação é afetiva. No

decorrer do desenvolvimento os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, sendo que estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros; pode-se dizer que toda aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, e que estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros (GOLDANE, 2010).

Esses estudos mostram que a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor (RIBEIRO, 2010, p. 406).

Para Pimenta e Anastasiou (2014), o ensino não se resolve com um único olhar: exige constantes balanços críticos dos conhecimentos produzidos, para deles se aproximar.

Segundo Cunha (2018, p.41):

A escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento.

La Taille (2012) comenta que, na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva está no centro de tudo, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.

## **2.1 A QUALIDADE DAS RELAÇÕES AFETIVAS ESTABELECIDAS ENTRE OS PROFESSORES E OS ALUNOS NOS ANOS INICIAIS**

Para analisar a qualidade das relações afetivas estabelecidas entre os professores e os alunos nos anos iniciais, são analisados neste capítulo dois aspectos, de acordo com os destacados por Andrade (1998, p.161), para quem é importante observar:

- O comportamento do professor: se o professor é carinhoso, atencioso e sensível às necessidades emocionais dos alunos;

- o comportamento dos alunos: se os alunos se sentem à vontade e seguros para expressar seus sentimentos e necessidades;

- a interação social: se há uma interação positiva e respeitosa entre os alunos e entre os alunos e o professor;

- a comunicação: se a comunicação entre o professor e os alunos é clara e respeitosa;

- a atenção e o cuidado: se o professor está atento às necessidades emocionais dos alunos e se demonstra cuidado com o bem-estar emocional deles;

- o apoio emocional: se o professor oferece apoio emocional e incentiva a expressão de sentimentos dos alunos.

Esses aspectos podem ser avaliados por meio de observação direta das interações entre professores e alunos de entrevistas com os alunos e de questionários respondidos pelos professores. Ao analisar a qualidade das relações afetivas estabelecidas entre os professores e os alunos nos anos iniciais, é possível identificar as práticas que promovem relações afetivas positivas e que contribuem para o desenvolvimento socioemocional dos alunos (INOUE, 1999).

Além dos aspectos já mencionados, outras características podem ser observadas para analisar a qualidade das relações afetivas entre professores e alunos nos anos iniciais, tais como:

- Empatia: se o professor se coloca no lugar dos alunos e demonstra compreensão em relação aos seus sentimentos e necessidades;

- Respeito: se o professor demonstra respeito pelos alunos, por suas opiniões e características individuais;

- Inclusão: se o professor promove um ambiente inclusivo, onde todos os alunos se sintam acolhidos e respeitados;

- Cooperação: se o professor incentiva a cooperação e a colaboração entre os alunos, favorecendo a construção de relações saudáveis e positivas;

- Atenção individualizada: se o professor dedica atenção individualizada a cada aluno, respeitando suas necessidades e características específicas;



- *Feedback*: se o professor oferece feedbacks construtivos e encorajadores aos alunos, favorecendo a construção de uma autoestima positiva.

A análise dessas características permitirá compreender de forma mais abrangente a qualidade das relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos nos Anos Iniciais. Além disso, essas características podem servir de base para a promoção de práticas pedagógicas que favoreçam a construção de relações afetivas positivas e a promoção do desenvolvimento socioemocional dos alunos (FONSECA, 2008).

## 2.2 O PAPEL DO PROFESSOR

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. É através da interação afetiva do aluno com o professor e com os seus colegas de classe que ocorre a troca de informações por meio do diálogo, momento este em que o aluno vai se desenvolver intelectualmente na interação das atividades escolares (CUNHA, 2018, p.51):

Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo do auxílio do professor mais eficaz.

O professor desempenha para o aluno o papel de mediador entre ele e o conhecimento, e essa mediação é tanto afetiva como cognitiva. Ao professor compete canalizar a afetividade para produzir conhecimento, na relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-grupo, bem como reconhecer o clima afetivo e aproveitá-lo para provocar o interesse do aluno.

A mediação realizada pelo professor no desenvolvimento das atividades pedagógicas deve conter sentimentos de simpatia, valorização do outro, acolhimento, aceitação, apreciação e respeito; desse modo, tais sentimentos influenciam a relação da criança com o objeto de conhecimento e reflete-se na autoimagem, favorece a autonomia e enriquece a confiança e sua capacidade de decisão (LEITE; TASSONI, 2014).

Segundo Mahoney (2018, p.11-30),

na metade da década de 80 o cognitivismo começa a ser criticado, como já haviam sido o behaviorismo e a Abordagem Centrada na Pessoa, no final da década de 70. Torna-se evidente que o fator social e o cultural não podem mais ser deixados de lado pelos psicólogos, e diferentes tendências teóricas vão procurar dar conta desse social.

Assim, o professor deve reconhecer que a aprendizagem depende das condições orgânicas, estruturais e funcionais do aluno. Nesse sentido, identificar o estágio de desenvolvimento em que seus alunos se encontram possibilitará saber o que é possível ensinar ao educando nesse momento. O conhecimento dos processos de desenvolvimento humano, tanto no que se refere à dimensão motora, quanto às dimensões afetiva e cognitiva, possibilitará ao professor condições para elaborar situações pedagógicas adequadas às características e necessidades dos alunos.

De acordo com Amaral (2016, p.92),

as experiências afetivas dos alunos podem ser incluídas com conteúdo de reflexão, que pode ser lembrado na dimensão cognitiva, de forma que a criança possa ir alcançando a compreensão de que sua experiência única, individual, é também a de outros seres humanos.

É fundamental que o professor procure conhecer seus alunos de forma integral. Sua postura deve manifestar-se na percepção e na sensibilidade quanto aos interesses das crianças em cada etapa, de forma que elas vão mudando o seu pensamento e o seu modo de ver o mundo. Para Piaget (1964, p.12), o desenvolvimento intelectual possui dois componentes: o cognitivo e o afetivo, como destaca-se a seguir:

As funções superiores da inteligência e da afetividade tendem a um “equilíbrio móvel”, isto é, quanto mais estáveis, mais haverá mobilidade, pois, nas almas sadias, o fim do crescimento não determina de modo algum o começo da decadência, mas, sim, autoriza um progresso espiritual que nada possui de contraditório com o equilíbrio interior.

A educação fundamental tem como objetivo um desenvolvimento intelectual em harmonia com o desenvolvimento afetivo-moral para que a criança, aos poucos, conquiste sua autonomia intelectual, afetiva e moral.

Afirma Pacheco (2014) que, quando a relação professor-aluno é recíproca de bons encontros, cria-se um laço afetivo, o que colabora para o processo de ensino e aprendizagem. Essa ligação afetiva entre professor e aluno não se limita somente ao carinho físico, mas também à forma como o aluno é tratado. O tom de voz, os gestos e as palavras são grandes aliados do professor para estabelecer uma boa comunicação afetiva com seus alunos.

Nas palavras de Freire (2003), o aspecto socioafetivo no processo de ensino-aprendizagem tem implicações diretas na prática pedagógica e no desenvolvimento dos alunos. Assim, “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”. A ação do professor e a ação do aluno expressam profundamente o significado da educação em seus processos constitutivos de ser educador e de ser aprendiz”.

Afirma Amorelli (2016) que não basta utilizar-se de diversificadas estratégias de ensino. É necessário que os professores gostem do que fazem e que se mostrem tolerantes e estimulem a participação dos alunos. Esses profissionais obtêm melhores resultados do que os professores competentes em sua matéria, porém frios e distantes em relação à classe. Quanto mais jovens os alunos, mais importante é o relacionamento afetivo. Um sorriso e um abraço costumam ter efeitos positivos sobre a aprendizagem.

Segundo Piletti (2016, p.86), três orientações básicas devem estar sempre presentes no trabalho do professor, em sua interação com os alunos:

Ao invés de punir o comportamento destrutivo, estimular e incentivar o comportamento construtivo; ao invés de forçar a criança, orientá-la na execução das atividades escolares, ouvindo o que ela tem a dizer, evitar a formação de preconceitos, por meio da observação e do diálogo constantes, que permitem ao professor constatar as mudanças que estão ocorrendo com o aluno e compreender seu desenvolvimento.

Comenta Piaget (2019) que é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar. Desse modo, o professor adquire um novo papel, o de ser um permanente pesquisador, buscando novas formas de ensinar, estudando como seu aluno constrói seus conhecimentos e como a afetividade pode funcionar de forma positiva na formação de indivíduos criativos e transformadores.

### **2.3 AFETIVIDADE: UM PROCESSO FUNDAMENTAL NA APRENDIZAGEM**

Para Pimenta e Anastasiou (2014), o ensino não se resolve com um único olhar: exige constantes balanços críticos dos conhecimentos produzidos, para deles se aproximar.

As teorias recentes da aprendizagem têm se preocupado com a interação entre o material a ser aprendido e os processos psicológicos necessários para aprender, enfatizando o estudo sobre o modo pelo qual o aprendiz obtém, seleciona, interpreta e transforma a informação (PFROMM NETO, 2017).

Nesse sentido, Cunha (2018, p.41) chama a atenção para a importância da afetividade no cotidiano escolar:

A escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento.

La Taille (2012) comenta que, na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva está no centro de tudo, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Por sua vez, Mahoney (2018), referindo-se à proposta educativa walloniana, ressalta a integração no processo de formação do educando. O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão interligados e integrados, tendo em vista que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação citadas por Mahoney (2018, p.15) é que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles:

Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela.

Toda aprendizagem encontra-se carregada de afetividade, já que advém das interações sociais, em procedimento vinculado entre elas. Refletindo, especificamente, sobre a aprendizagem escolar, é possível constatar que a contextura que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita etc. não ocorre simplesmente no campo cognitivo. Há um embasamento afetivo que permeia essas relações. Os conhecimentos vividos em sala de aula acontecem, primeiramente, entre os indivíduos protagonistas, no plano externo (interpessoal). Por meio da intervenção, eles vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual.

Tais conhecimentos são igualmente afetivos. Os sujeitos internalizam as vivências afetivas com relação a um objeto específico.

## **2.4 O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À ESCOLA NOS ANOS INICIAIS**

O processo de adaptação nos anos iniciais do ensino fundamental é um período muito importante na vida da criança, pois é constituído por um somatório de relevantes conquistas cognitivas e comportamentais, cuja consecução pode ser concebida em termos de tarefas de desenvolvimento a serem cumpridas, entre as quais se destacam: desempenho escolar, a adequação a normas e regras vigentes e a capacidade de se relacionar bem com os companheiros. Assim, o desempenho escolar, as habilidades sociais e os problemas de comportamento, estes últimos expressando dificuldades da criança em se adequar às normas, constituem três domínios de funcionamento associados ao cumprimento das tarefas adaptativas dos anos escolares.

Ao pesquisar a adaptação à escola nos anos iniciais é importante considerar, além das tarefas de desenvolvimento típicas da fase, também as reações às demandas relativas à transição escolar entre a educação infantil e o ensino fundamental. Tais demandas podem gerar sintomas de estresse, que correspondem a um conjunto de reações do organismo quando exposto a qualquer estímulo que provoque irritação, medo ou bem-estar, podendo ser de ordem psicológica - como ansiedade, terror noturno, pesadelos -, ou física - como dores abdominais, diarreia, dor de cabeça, náuseas.

Durante esse período, é comum que a criança apresente algumas dificuldades, como chorar na hora da separação dos pais, sentir-se insegura em um ambiente desconhecido, ter dificuldades para interagir com as demais crianças, entre outros aspectos (MARQUES, 1993).

Para ajudar a criança nesse processo de adaptação, é importante que os pais e a escola trabalhem juntos, estabelecendo uma rotina e uma série de estratégias para ajudar a criança a se sentir segura e confiante na escola. Algumas estratégias que podem ser utilizadas incluem, segundo Piaget (2016, 48):

- encorajar a criança a se aproximar de outras crianças, incentivando a socialização e a cooperação;

- comunicar-se com os professores regularmente para acompanhar o progresso da criança e compartilhar informações sobre o processo de adaptação.

É importante lembrar que cada criança é única, e o tempo de adaptação pode variar de acordo com as características individuais de cada uma. Paciência e compreensão são fundamentais para ajudar a criança nesse processo.

Além das estratégias que já foram mencionadas, existem outras orientações que podem ser úteis para ajudar a criança no processo de adaptação nos anos iniciais, tais como indica novamente Piaget (2018, p. 48):

- Transmitir segurança e confiança para a criança, mostrando que se confia na escola e nos professores;

- conversar com a criança sobre o que ela pode esperar na escola, explicando como as coisas funcionam e o que ela fará durante o dia;

- participar das atividades da escola, como reuniões de pais, festas e eventos, para estar mais envolvido na rotina da criança e também conhecer os outros pais e professores;

- reconhecer os esforços da criança e elogiar as conquistas, mesmo que pequenas. Isso ajuda a fortalecer a autoestima e a confiança da criança.

É importante lembrar que o processo de adaptação pode ser mais difícil para algumas crianças do que para outras. Caso a criança esteja tendo muita dificuldade em se adaptar à escola, é importante buscar ajuda de profissionais da escola, como psicólogos ou pedagogos, para encontrar maneiras de ajudá-la na adaptação.

Para López (2014, p.110) o brincar é uma das atividades fundamentais para a aprendizagem e para o desenvolvimento da identidade e da autonomia na infância:

Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

## 2.5 A ADAPTAÇÃO ESCOLAR

Dentro do contexto histórico podemos perceber que o processo de adaptação foi visto, por algum tempo, como um período em que o professor buscava estratégias para acalmar as crianças quando choravam com a ausência dos pais na escola.

A adaptação escolar logo se associa aos termos de adequação, mudanças, medos e inseguranças, sentimentos esses que são vividos em várias fases da vida do indivíduo, sendo que a fase mais intensa ocorre na infância, pois a criança ainda não sabe se relacionar com esses novos sentimentos, frutos do confronto com o novo, com o desconhecido e com a mudança no seu dia a dia, na rotina.

Dessa forma, quando a criança é inserida na escola o primeiro contato com um novo ambiente e com pessoas desconhecidas desencadeia diferentes reações. No período do processo de adaptação e socialização é importante que os educadores e responsáveis estejam prontos para lidar com eventuais situações conflitantes e imprevistas.

Reda e Ujiie (2009) afirmam que é comum que a criança, independentemente de sua idade e das vivências acumuladas, manifeste dificuldades diante do primeiro contato com a escola, que lhe provoca ansiosos, expectativas e medos. Toda criança precisará sair do seu meio familiar para vivenciar outros espaços, ampliando seus horizontes, uma vez que desde o nascimento se inicia o processo de adaptação, e as mudanças a acompanharão pelo resto de sua vida. Situações novas são corriqueiras na vida humana. E assim, entendemos que a adaptação escolar é algo natural que, porém, requer cuidados e uma parceria entre os pais e os profissionais da escola, buscando facilitar este período inicial de entrada em um novo mundo.

É necessário destacar que as vivências em ambiente escolar, geram diversas sensações e emoções como: “tristeza, alegria, ansiedade, confiança, insegurança, raiva, medo, constrangimento”, é relevante ressaltar que estas expressões constroem a cognição do discente.

Portanto, é formalmente na instituição de ensino, que o educando evolui suas habilidades, sociais e psicológicas, e a função do docente como interventor

deste processo, é de extrema relevância, possibilitando contextos e tarefas, direcionadas a incentivar e trabalhar o afeto em cada educando, de acordo com a sua demanda e carecimento.

Diesel destaca em sua fala (2003, p10):

Falamos em adaptação sempre que enfrentamos uma situação nova, ou readaptação, quando entramos novamente em contato com algo já conhecido, mas por algum tempo distante do nosso convívio diário. O processo de adaptação inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurgue a cada nova situação que vivenciamos. Sair de um espaço conhecido e seguro, dar um passo à frente e arriscar-se, tendo como companhia o desconhecido para o qual precisamos olhar, perceber, sentir, avaliar, nos leva às mais diferentes reações: permanecer no espaço seguro e protegido, seguir adiante ou desistir e voltar atrás.

A escola precisa planejar o processo de adaptação a partir de teorias educacionais, adaptando-as às necessidades e à realidade de cada grupo acolhido. A organização da escola e, principalmente, da sala de aula, é um aspecto fundamental. O ambiente escolar deve proporcionar a estimulação, o interesse, o acolhimento e a segurança, com a finalidade de produzir na criança motivação, desejo e vontade de ir para a escola. A sala de aula precisa conter objetos e atividades estimulantes, recreativas e lúdicas que despertem a vontade de tocar, sentir, explorar, descobrir e aprender, que motivem a interação com esse novo espaço e com o outro. É necessário, neste período, que os pais manifestem às crianças o sentimento de confiança do seu retorno e, jamais, o medo do abandono.

Na visão de Santos (2012, p. 32),

nos primeiros dias de adaptação da criança com o ambiente escolar, os horários devem ser reduzidos e com atividades diferenciadas, e a professora titular exclusiva para essa criança, conforme observações na escola, o período de adaptação é de uma hora durante uma semana. Quando a criança tem uma ligação intensa com a figura materna, e é colocada na escola, sua reação se manifesta por um protesto violento, exigindo a presença da mãe e recusando o cuidado da professora. Em algumas crianças mais que em outras, esse estado se mantém dolorosamente por muitos dias, até que aparentemente, a criança desiste de recuperar a mãe, entrando numa fase nova ou uma falsa adaptação.

Notoriamente há uma dificuldade de se conseguir adequar o espaço escolar de acordo com as expectativas e os desejos das crianças; é importante focar em estratégias que possibilitem a aproximação e a criação de um vínculo afetivo dos alunos com a escola. Também é preciso destacar a importância da



socialização das crianças com outras na adaptação, e assim, ao estimular a afetividade e o vínculo entre elas e com a escola como um todo, estabelecer um laço de confiança.

Oliveira (2019) afirma que a criança, quando alcança a adaptação, amplia seu desenvolvimento no que tange à oralidade e à relação com o outro, tornando-se mais ativa, diminuindo as atitudes agressivas, passando a relacionar-se melhor com o mundo.

O processo de adaptação exige da criança um esforço emocional que chega a ser sentido fisicamente, é quando ela somatiza os sentimentos de ansiedade, abandono e medo, e ela começa a sentir as famosas dores de barriga, de cabeça e, dependendo do estresse, até febre pode surgir. Por isso é indispensável o acolhimento e o afeto neste momento, tentando fazê-la sentir-se segura e confiante no espaço escolar.

Fortuna (2013) ressalta que cada vez é maior a preocupação por parte das instituições de educação em acolher bem a criança que chega e em preparar os pais, mostrando-lhes a importância de sua contribuição para a adaptação de seus filhos.

De acordo com Mouly (1970), interessar-se pelo que a criança pensa sente é muito importante, conhecê-la é o principal ponto de partida para bons resultados no processo de adaptação infantil. Ele também destaca que esse processo pode ser curto ou longo, tendo em vista que cada criança apresenta uma resposta diferente.

Sendo assim, a forma de atuar não pode ser planejada para casos eventuais, a escola deve ter um planejamento para todo o decorrer do percurso e adaptá-lo como considerar necessário. A criança precisa ir construindo aos poucos a relação da escola com o educar e acolhê-lo, sempre mediada por muito afeto e segurança.

Por fim, uma adaptação bem-sucedida não significa planejar uma aula diferenciada e lúdica no primeiro dia letivo e pretender que a criança goste e não chore, a ação de adaptação requer bem mais do que isso. Trabalhar com a adaptação na infância é preparar o processo no decorrer do ano, desde a entrada na escola até se despedir ao final do turno dos professores e o retorno para casa. Ao chegar à escola a criança já criou uma série de expectativas e medos de algo não sair como ela espera, de afastar-se daquilo que ela entende

como normal. Assim, o plano de acolhimento já deve entrar em ação a partir do momento em que a criança se apresenta na escola, elaborando quando deve ser elaborada uma recepção divertida, em um ambiente com carinho abundante e motivos para começar o dia bem.

Cada pessoa acumula suas próprias experiências, modelos de convivência e vivências consigo. Assim como os adultos, as crianças reagem de maneira diferente em cada situação. Os profissionais das instituições de ensino precisam ter sensibilidade para entender e saber lidar com as manifestações singulares de cada aluno, atendendo às suas necessidades, que podem aparecer tanto de maneira passageira quanto permanente, frente a alguma dificuldade educacional, assim como comportamental ou emocional.

Ortiz (2000) destaca a importância de um ambiente favorável para o bom desenvolvimento da criança. Para ele, o papel do educador toma uma dimensão bem maior, não ficando restrito apenas a um profissional de ensino, mas caracterizado como amigo e confidente da criança nesse período novo e com muitas mudanças nos Anos Iniciais. O professor deve ter algum conhecimento prévio da vida da criança para que, ao conhecer mais sobre seu comportamento, consiga apoiá-la melhor.

Além dos responsáveis e dos professores, toda a equipe escolar deve ser responsável por acompanhar o processo de adaptação que se dá no início e ao longo do ano letivo.

Nesse sentido, Bronfenbrenner (2016, p.18) ressalta que

a ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos.

De acordo com o autor, cada indivíduo frequenta um ou vários microsistemas concomitantemente, que podem ser a casa, a escola ou o trabalho, por exemplo, e nestes desempenha papéis que representam, pela perspectiva das ciências sociais, “uma série de comportamentos e expectativas associadas a uma posição na sociedade” (BRONFENBRENNER, 2016, p.21).

Winicott (2013, p.81) enfatiza que um ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação, mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial.

## **2.6 A FAMÍLIA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À ESCOLA**

A família é o primeiro grupo social no qual a criança é inserida, é onde há o desenvolvimento primário dos vínculos afetivos. Quando o ambiente familiar é estável e afetivo positivamente ele contribui muito para a adaptação da criança ao meio escolar.

A família exerce grande influência no desenvolvimento da criança. A atmosfera que a rodeia será uma variável decisiva em seu progresso. Bossa (2019) ressalta que mais do que responsável pela qualidade de vida, a família é construtora do aparelho psíquico dos seus filhos.

O envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é fundamental e um incentivador para o desempenho da criança. Com esta atenção ela se sente valorizada e importante na vida de seus pais, sentimentos que acabam por favorecer e incentivar o seu aprendizado.

Para Boechat (2003, p. 21):

A participação dos pais na vida escolar dos filhos representa um papel muito importante em relação ao seu bom desempenho em sala de aula. Também o diálogo entre a família e a escola favorece sobremaneira a construção do conhecimento por parte do aluno, o que denota que a criança e seus genitores mantêm entre si e com a aprendizagem uma ligação muito íntima e profícua.

A família deve manifestar interesse pelas atividades que os filhos realizam na escola, como expressão de sua preocupação pela atuação da instituição e de seu apoio a ela. De acordo com López (2014, p. 77), os pais:

Devem manter contatos periódicos com os professores para ter conhecimento constante do processo educativo; - Prestar a colaboração que lhes for exigida por parte dos professores para tornar mais coerente e eficaz a atuação escolar, tanto no campo acadêmico estrito como no mais amplo das atitudes e dos hábitos de comportamento que se pretende fomentar como parte do projeto educacional da escola.

Portanto, é importante ressaltar que a forma da família se relacionar com a criança influencia muito para sua adaptação escolar. É imprescindível que

esteja sempre em união com a escola, tanto inicialmente no processo de adaptação quanto nas atividades de ensino aprendizagem dos seus filhos.

Para Gokhale (1980), a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas, também, o centro da vida social.

## **2.7 O PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR**

O professor dos anos iniciais desempenha um papel fundamental no processo de adaptação das crianças à escola. É responsabilidade do professor, em parceria com a escola, criar um ambiente acolhedor e seguro para as crianças, ajudando-as a se sentirem confortáveis e confiantes na escola.

Para isso, de acordo com Torres (2018, p.164), o professor pode adotar algumas estratégias, como:

- Receber as crianças com um sorriso e demonstrar entusiasmo e interesse em conhecer cada uma delas;
- fazer uma apresentação da escola, explicando as regras, rotinas e atividades que serão desenvolvidas;
- estabelecer uma relação de confiança com as crianças, ouvindo suas necessidades e expectativas;
- planejar atividades que envolvam a participação das crianças, permitindo que elas se sintam mais envolvidas e motivadas;
- criar um ambiente seguro e acolhedor, com espaços organizados e materiais didáticos acessíveis;
- proporcionar momentos de brincadeira e socialização entre as crianças, incentivando a cooperação e a amizade.;
- oferecer apoio emocional às crianças que estão tendo dificuldades em se adaptar à escola.

Além disso, o professor deve estar sempre atento às necessidades individuais de cada criança, identificando sinais de angústia, tristeza ou insegurança, e buscando soluções para ajudá-las a superar as dificuldades.

É importante lembrar que o processo de adaptação pode ser um desafio tanto para as crianças quanto para os professores, mas com paciência, empatia

e dedicação, é possível criar um ambiente de aprendizado saudável e acolhedor para todos (ARAÚJO, 2016).

O professor dos anos iniciais também deve estar atento a possíveis dificuldades que as crianças possam apresentar durante o processo de adaptação, como ansiedade, medo ou dificuldades de relacionamento. Nesses casos, é importante que ele esteja preparado para oferecer suporte emocional e buscar soluções que possam ajudar a criança a superar as dificuldades (PIAGET, 1964).

Além disso, o professor dos anos iniciais pode utilizar algumas estratégias pedagógicas para auxiliar na adaptação das crianças à escola. Algumas dessas estratégias incluem, de acordo com as sugestões de López e Amaral:

- Jogos e brincadeiras: atividades lúdicas são importantes para criar um ambiente descontraído e estimulante, além de permitir que as crianças participem de atividades em grupo e desenvolvam habilidades socioemocionais;

- contação de histórias: a contação de histórias pode ser uma forma interessante de introduzir as crianças a novos conceitos, valores e normas sociais, além de estimular a imaginação e a criatividade;

- trabalhos em grupo: atividades em grupo podem ajudar a desenvolver habilidades sociais e emocionais, além de promover a colaboração e a cooperação entre as crianças (LÓPEZ, 2014, p.174);

- atividades artísticas: atividades artísticas como pintura, desenho e modelagem podem ajudar a desenvolver a criatividade e a expressão emocional das crianças;

- utilização de recursos audiovisuais: a utilização de recursos audiovisuais como vídeos educativos, jogos interativos e músicas pode ser uma forma interessante de complementar o ensino, além de tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas para as crianças;

- avaliação formativa: a avaliação formativa é como meio de acompanhar o desenvolvimento das crianças de forma contínua e sistemática, permitindo que o professor identifique eventuais dificuldades e intervenha de forma mais adequada (AMARAL, 2016).

O papel do professor dos anos iniciais no processo de adaptação das crianças à escola é essencial, uma vez que ele é responsável por criar um

ambiente acolhedor e seguro, estabelecer rotinas claras e previsíveis, promover atividades desafiadoras e estimulantes, além de oferecer suporte emocional e buscar soluções para eventuais dificuldades.

## **2.8 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR E O RELACIONAMENTO COM AS FAMÍLIAS**

A formação do educador é um fator importante para o seu relacionamento com as famílias dos alunos. Através de sua formação, o educador deve estimular a comunicação e o diálogo, bem como desenvolver a escuta ativa e a postura favorável para a resolução de conflitos.

O relacionamento entre o educador e as famílias é fundamental para o desenvolvimento das crianças, uma vez que as famílias são parceiras importantes no processo educativo e na formação de valores, atitudes e comportamentos das crianças. Além disso, as famílias podem contribuir com informações importantes sobre a história e as características de cada criança, possibilitando ao educador adequar sua prática pedagógica às necessidades individuais de cada aluno (ARANTES, 2003).

De acordo com Bossa e Almeida, para estabelecer um bom relacionamento com as famílias, o educador pode adotar algumas estratégias, tais como:

- Estabelecer um canal de comunicação efetivo: o educador deve estar disponível para escutar as famílias, tirar dúvidas, receber sugestões e *feedbacks*;
- promover encontros e reuniões: esses encontros podem ser uma oportunidade para o educador e as famílias se conhecerem, estabelecerem vínculos e discutirem questões relacionadas à educação das crianças;
- respeitar a diversidade: o educador deve estar preparado para lidar com a diversidade de valores, crenças e culturas presentes nas famílias, evitando julgamentos e preconceitos;
- valorizar a participação das famílias: o educador deve reconhecer e valorizar a participação das famílias nas atividades escolares, incentivando sua presença e colaboração (BOSSA, 2019, p. 82).

- buscar soluções conjuntas: o educador e as famílias devem trabalhar juntos para identificar e solucionar eventuais problemas ou dificuldades que possam surgir ao longo do processo educativo;

- manter uma postura ética e profissional: o educador deve manter uma postura ética e profissional em relação às famílias, para que não ocorra situações que possam gerar conflitos ou mal-estar (ALMEIDA, 2000, p. 106).

Em resumo, o relacionamento entre o educador e as famílias é um fator determinante para o sucesso da educação das crianças, sendo importante que o educador esteja preparado para estabelecer um diálogo aberto e colaborativo, valorizando a diversidade e buscando soluções conjuntas para eventuais problemas ou dificuldades que possam surgir ao longo do processo educativo (ANTUNES, 2016).

### **CAPÍTULO 3 - O AFETO NA PERSPECTIVA DE JEAN PIAGET E HENRI WALLON**

A teoria da afetividade de Jean Piaget enfatiza a importância das emoções e sentimentos no desenvolvimento cognitivo. Segundo Piaget, a afetividade é a energia que impulsiona as ações de um indivíduo e é um componente necessário para a inteligência Piaget (1964). Em sua teoria, a afetividade refere-se aos estados emocionais e motivacionais de um indivíduo, que são essenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento. Para Piaget a afetividade, juntamente com a cognição e os atos motores, desempenha um papel funcional no processo de desenvolvimento e construção do indivíduo. A afetividade é um aspecto crítico da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget.

Nas palavras de PISKEI (2012, p.153),

Piaget (1994) aponta que a construção da afetividade e da inteligência ocorrem paralelamente. No caso da afetividade, verificam-se sentimentos intraindividuais e depois interindividuais. Os intraindividuais estão relacionados a toda sorte de ações: às emoções, tendências instintivas, prazeres, percepções, sentimentos de êxito ou fracasso etc. Enquanto que os interindividuais correspondem às interações pessoais que se manifestam por afetos intuitivos, que se expressam por sentimentos sociais elementares, com o aparecimento dos primeiros sentimentos morais; afetos normativos, em que se originam sentimentos morais autônomos, com intervenção da vontade e, na progressão, sentimentos ideológicos a partir das operações

formais em que sentimentos interindividuais complementam-se com sentimentos envolvendo ideais coletivos.

A afetividade desempenha um papel significativo no desenvolvimento cognitivo, proporcionando a motivação e o interesse necessários para a aprendizagem. Piaget propôs que a afetividade precede as funções das estruturas cognitivas e que os estágios da afetividade correspondem aos estágios do desenvolvimento cognitivo. Por exemplo, no *estágio sensório-motor* (0 a 2 anos), os bebês desenvolvem um apego emocional aos seus cuidadores, o que é essencial para sua sobrevivência e fornece a base para o desenvolvimento emocional posterior. Na fase *pré-operatória* (2 a 7 anos), as emoções e os sentimentos das crianças tornam-se mais complexos, o que lhes permite desenvolver a imaginação e o pensamento simbólico (PIAGET, 1964).

Assim, a afetividade está intimamente ligada ao desenvolvimento cognitivo e desempenha um papel significativo na formação das habilidades intelectuais de um indivíduo.

Exemplos de afetividade podem ser vistos nos estágios de desenvolvimento de Piaget. Por exemplo, no *estágio operacional concreto* (7 a 11 anos), o desenvolvimento emocional e moral das crianças é evidente em sua compreensão de regras e justiça. Além disso, no *estágio operacional formal* (12 anos), os adolescentes desenvolvem uma compreensão mais complexa das emoções e dos sentimentos, o que lhes permite envolver-se em pensamentos abstratos e em um raciocínio moral (PIAGET, 1964). Portanto, a afetividade não é apenas essencial para o desenvolvimento cognitivo, mas também desempenha um papel crucial na formação dos valores morais e éticos de um indivíduo.

Segundo Leite (2012, p.140),

As concepções dualistas, historicamente, têm sido contestadas. Somente no século passado, com o advento de teorias filosóficas, sociológicas e psicológicas centradas nos determinantes culturais, históricos e sociais do processo de constituição humana, criaram-se as bases para uma nova compreensão sobre o próprio homem e, no nosso caso, das relações entre razão e emoção. O pensamento humano caminhou, assim, na direção de uma concepção monista, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis e parte do mesmo processo, não sendo mais possível analisá-los separadamente.

Piaget enfatizou a importância da afetividade no processo de ensino e a relação entre o desenvolvimento emocional e cognitivo. Para ele, a afetividade é



uma energia que impulsiona as ações e comportamentos de uma criança. O autor suíço acreditava que é importante diferenciar entre os aspectos positivos e negativos da afetividade ao estudar o desenvolvimento infantil. As visões de Piaget sobre afetividade destacam a importância de considerar as experiências emocionais na compreensão do desenvolvimento cognitivo das crianças.

Nas palavras de STOLTZ (2012, p 153), para Piaget,

é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência, mas, na minha opinião, não é suficiente.

Piaget também acreditava que as emoções desempenham um papel significativo na formação dos pensamentos e comportamentos de uma criança. Ele argumentou que as experiências afetivas de uma criança são essenciais na formação de representações mentais. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget sugere que as crianças constroem sua compreensão do mundo por meio de suas experiências e interações com seu ambiente. Portanto, as emoções e as experiências afetivas têm um impacto significativo no desenvolvimento cognitivo da criança e na formação de representações mentais.

Nas palavras de Pessoa (2000, p.102), sob a perspectiva de Piaget,

o desenvolvimento cognitivo passa de um período inicial centrado na própria ação para a construção de um universo objetal e descentrado. Deforma semelhante, a afetividade evolui de uma indiferenciação entre si própria e os que a rodeiam para aos poucos elaborar e construir um sentimento único e interindividual. Tanto o aspecto cognitivo como o afetivo evoluem; de início estão centrados no sujeito e nas suas próprias necessidades, para depois se dirigirem ao outro e às relações do sujeito com outros sujeitos.

O trabalho de Piaget sobre afetividade e desenvolvimento cognitivo também tem sido associado ao desenvolvimento do raciocínio moral em crianças. Segundo Piaget, a relação entre afetividade e inteligência é crucial no desenvolvimento do julgamento moral e das reações. As emoções desempenham um papel fundamental na formação do senso moral, estimulando o comportamento moral e contribuindo para o desenvolvimento de valores. Assim, as ideias de Piaget sobre afetividade destacam a importância de considerar as experiências emocionais na compreensão do desenvolvimento cognitivo e moral das crianças.

Em se tratando de afetividade como elemento impulsor da aprendizagem, é importante destacar também as contribuições de Wallon, estudioso francês que se dedicou a estudar a infância e os trajetos do intelecto nas crianças. Nas palavras do autor, que se dedica ao estudo da influência da afetividade na educação infantil, *a infância tem corpo e sentimentos* (e não somente mente), pois a evolução intelectual do ser humano envolve muito mais do que um órgão como o cérebro. Três elementos se destacam no estudo de sua evolução: o motor, o afetivo e o cognitivo.

Podemos destacar sobre Wallon: “afetividade é componente da ação, e se deve entender como emocional e também um estado da serenidade” (*apud* LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p.88).

Wallon (2007) diferencia o conceito de afetividade do conceito de emoção. Segundo ele, as emoções são sistemas de atitudes que corresponde, cada uma, a uma determinada espécie de situação, ou seja, são exteriorizações de estados subjetivos, de caráter orgânico, e classificadas de acordo com o grau de tensão referente à experiência vivida.

Ela apresenta três propriedades: a plasticidade, que é a capacidade de refletir sobre o corpo os seus sinais; a contagiosidade, capacidade de contaminar o outro com sua emoção; e a regressividade, que é a capacidade regredir as atividades ao raciocínio. Já a afetividade, para ele, se refere à capacidade do sujeito de ser afetado pelo mundo, tanto externo quanto o interno, podendo vivenciar situações consideradas agradáveis ou desagradáveis e reagindo às mesmas de determinada maneira. A afetividade é um conjunto de manifestações mais amplas, integrada pelas emoções, que possui origem biológica, pelo sentimento, que possui origem psicológica, e pela paixão.

Na medida em que o indivíduo vai se desenvolvendo e se relacionando com os demais, ocorrem novas exigências afetivas, a afetividade vai ampliando as formas de expressão e vai ganhando complexidade. Irá se constituir mais tarde no desenvolvimento, envolvendo as vivências mais complexas, fazendo assim, apropriação dos processos simbólicos da cultura, que possibilitam a representação.

Wallon (2007) expõe a indissociabilidade entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico do homem, para ele ambos sofrem ações

recíprocas, ou seja, o ser humano age sobre o meio assim como o meio age sobre ele.

Para Wallon (1968 *apud* MAHONEY 2000, p. 15), o processo de aprendizagem é enriquecido quando o professor consegue integrar as dimensões cognitiva, afetiva e motora. Afirma o autor:

o motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa.

Nesta perspectiva, Wallon ressalta a importância desses três aspectos, que estão totalmente interligados, enfatizando que a questão afetiva causará impactos nos diferentes âmbitos da formação do eu do aluno. Sendo assim, é de grande importância que todas essas áreas sejam tratadas de forma conjunta no processo de formação da criança.

Sendo assim, se o comportamento do aluno em sala de aula é afetado pelas atitudes que o professor tem com relação a ele, mais próximo o educador estará de seus alunos, tornando a aula mais significativa, pois o educador passa a propor atividades mais apropriadas ao interesse da turma.

Uma prática pedagógica alicerçada na afetividade permite estabelecer um clima de confiança e respeito entre o professor e o aluno. Esse vínculo é uma fonte de motivação no processo de ensino e aprendizagem, a qual fortalece o desenvolvimento cognitivo da criança.

Desse modo, podemos dizer, a título de finalização, que a afetividade e a cognição fazem parte da constituição do sujeito. Os vínculos afetivos atuam como instrumentos que permitirão a aprendizagem intelectual significativa do aluno, fortalecendo o processo de aquisição do conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido por meio da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, resultantes da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente em que se vive.

O desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado pela afetividade.

A criança começa a criar vínculos afetivos desde recém-nascida, quando é acolhida pelas pessoas mais próximas que interpretam seus movimentos como estados afetivos. Assim, o nascimento da afetividade é anterior ao da inteligência.

As teorias recentes de aprendizagem têm se preocupado com a interação entre o material a ser aprendido e os processos psicológicos necessários para aprender, enfatizando o estudo sobre o modo pelo qual o aprendiz obtém, seleciona, interpreta e transforma a informação.

A afetividade está ligada intimamente ao aprendizado infantil. Nos anos iniciais, a relação do professor com os alunos é permanente, e é nessa constância que o educador constitui uma referência para a criança.

Vale a pena destacar que, embora a afetividade e as emoções sejam conceitos distintos, eles estão interligados. No decorrer da pesquisa, observamos que o afeto interfere de diferentes formas na vida do aluno, e que este não se expressa apenas por meio de demonstrações de carinho, mas por meio de um olhar e de uma escuta sensível por parte do professor e de toda a comunidade escolar.

A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem, para sentir-se motivada. Nesse sentido, a relação familiar constitui uma das bases que, juntamente com a escola, fornecem esse suporte afetivo e necessário à criança.

Ao conceber a família como um espaço norteador no estabelecimento de normas e valores que influenciam tanto a formação do estudante como seu processo de socialização, a ausência de vínculos afetivos ou seu

comprometimento na relação familiar podem refletir-se nas relações que os indivíduos estabelecem ao longo de sua vida social.

Assim, conhecer a trajetória da afetividade do aluno permite ao professor adequar seu planejamento às necessidades afetivas de seus alunos nos diferentes estágios de desenvolvimento.

Ao professor compete canalizar a afetividade para produzir conhecimento, na relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-grupo, reconhecer o clima afetivo e aproveitá-lo para provocar o interesse do aluno.

Não basta utilizar-se de diversificadas estratégias de ensino. É necessário que os profissionais gostem do que fazem e que se mostrem tolerantes e estimulem a participação dos alunos.

Por fim, a relação família e escola é fundamental no estabelecimento de parâmetros educacionais que beneficiem não só os alunos em suas relações sociais incipientes, como também os profissionais da educação, no exercício da profissão. Portanto, é possível perceber que essa conexão, quando bem fortalecida, facilitará a aprendizagem das crianças.

Pode-se concluir que a afetividade é um grande diferencial no ato de educar. É importante destacar, finalmente, a função do educador no processo de ensino-aprendizagem, ao estimular o educando a vivenciar suas próprias experiências pedagógicas e afetivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP, Papyrus, 2000.
- AMARAL, Ligia Assumpção. **Espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da literatura infanto-juvenil**. Tese de Doutorado. São Paulo: IP-USP, 2016.
- AMORELLI, Dirceu Cardoso. **A importância da afetividade na aprendizagem**. Universidade Cândido Mendes, Pós-Graduação “*Latu Sensu*”, Projeto A Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2016.
- ANDRADE, LBP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ANTUNES, Celso. **Diário de um educador: temas e questões atuais**. São Paulo: Papyrus, 2016.
- ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. In: SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget, São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 35-52.
- ARAÚJO, Franz. **O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil**. In: MACEDO, L. (org). Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2022.
- BOECHAT, Ivone. **A Família no Século XXI**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Reproarte, 2003.
- BOSSA, Nadia. Do nascimento ao início da Vida Escolar: o que fazer para os filhos darem certo? **Revista Psicopedagogia**, vol. 17, São Paulo, Salesianas, 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

Acesso em 03 abril. 2023.

\_\_\_\_\_. **Código Civil, Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2022.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p “disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10406compilada.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406compilada.htm)

Acesso em 15 agosto 2023.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2016.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem:** relação da amorosidade e saber na prática pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2018.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FORTUNA, Tânia R. O lugar do brincar nos anos iniciais. **Revista Anos Iniciais**, n. 27, p. 8-10, abr./jun., 2013.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente:** Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento Petrópolis: Vozes, 2003.

GOKHALE, Sharatchandra Damodar. A Família Desaparecerá? *In* **Revista Debates Sociais**, Rio de Janeiro, CBSSIS, n. 30, ano XVI, 1980.

INOUE, Ana Amélia. **Temas transversais e educação em valores humanos.** Editora Fundação Peirópolis, São Paulo, 1999.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva.; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula:** as condições do ensino e a mediação do professor. *In* AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. Psicologia e

formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 113-141.

LÓPEZ, Jaume Sarramoni. **Educação na família e na escola**. São Paulo: Loyola, 2014.

MADALENO, Rolf. Curso de direito de família. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

MAHONEY, Abigail Alvarenga , ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*, v. 20, 2018, p. 11-30.

MARQUES, Mário Osório. **A formação do profissional da educação**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1993.

MARX, K. Manuscritos de 1844. Ed. Avante, Portugal, 1993.

MOULY, George. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Pioneira, 1970.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Letramento, cultura e modalidades de pensamento**. In KLEIMAN, A.B. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2019, p.147-160.

ORTIZ, C. **A diferença entre adaptar-se e ser acolhido**. *Revista Avisa Lá*, São Paulo, v. 2(40), p. 4-8, jan. 2000. Disponível em: [https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/monografias/BOLSI\\_Carolina\\_A\\_acolhida\\_inicial\\_na\\_educacao\\_infantil\\_Pre\\_Textuais.pdf](https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/monografias/BOLSI_Carolina_A_acolhida_inicial_na_educacao_infantil_Pre_Textuais.pdf)

PACHECO, Josemary. **A afetividade na instituição escolar**. Monografia (Especialização em Administração escolar) - Universidade Cândido Mendes de Recife, Recife, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico de Dificuldade de Aprendizagem**. 2016.

PIAGET, Jean. **Abstração reflexionante**. Relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2019.

\_\_\_\_\_. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis. 2018.



- \_\_\_\_\_. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964.
- PILETTI, Nelson. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 2016.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2014.
- PISKEI, Fernanda Hellen Ribeiro. **O Desenvolvimento Afetivo de Alunos Superdotados: Uma Contribuição a partir de Piaget**. Disponível em:  
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/2400>. Acessado em 1º de junho de 2023.
- RIBEIRO, Maysaa Ghassan. & UJIIE, Najela Tavares. **Anos iniciais e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância**. In: IX Congresso Nacional de Educação: EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.
- ROSSINI, Steakhouse. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- SALLA, Fernanda. O Conceito de afetividade de Henry Wallon. **Revista Nova Escola**, 2011, p 13.
- SANTOS, Jossiane Soares. **O lúdico na educação infantil**. São Paulo, 2012.
- SILVA, Anderson Vicente da. O que é família? In: BODART, Cristiano das Neves. **Conceitos e categorias do Ensino de Sociologia, vol.1**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021, pp. 89-94.
- STOLTZ, Tania. **O problema das relações entre afetividade e Inteligência**. In *Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente*. Dinis N. F, Bertucci L. M. (orgs.). Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- TORRES, R. M. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: TOMMASI, L.; WARDE, M. J.; HADDAD, S. (org.). **O Banco Mundial e as políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2018
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Do acto ao pensamento.** Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade.** São Paulo: Ed. Imago, 2013.